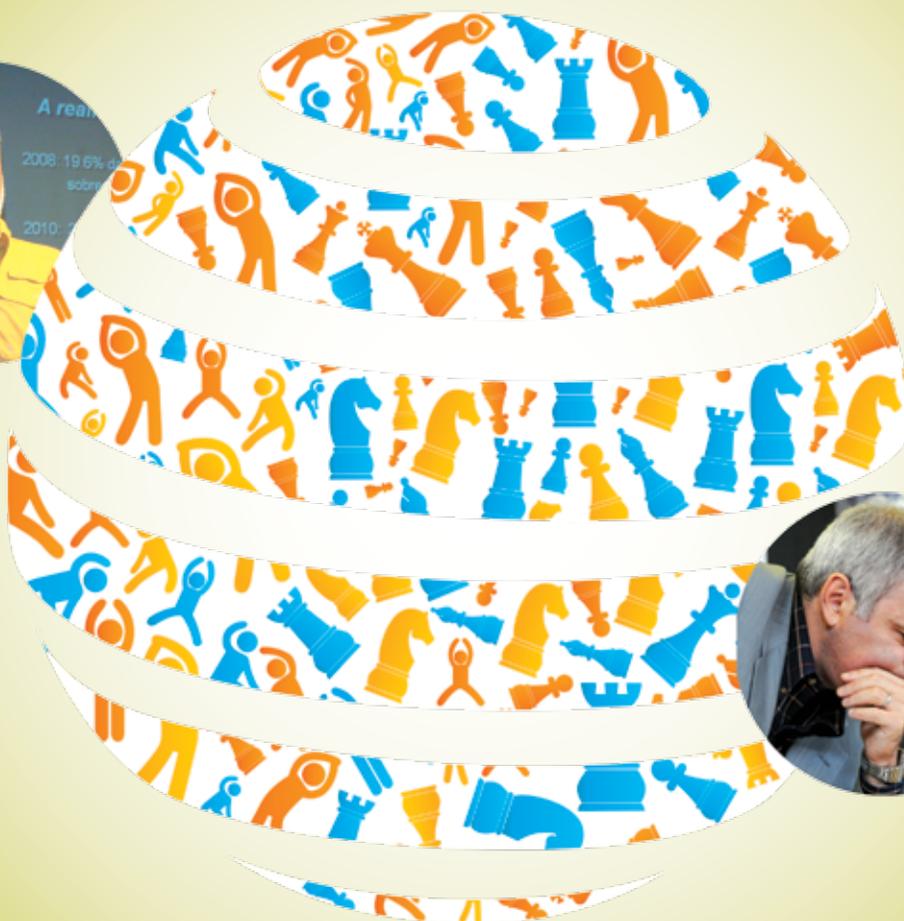


Corpo e cérebro em movimento

Autoridades internacionais explicam como a Educação Física e o Xadrez contribuem para o desenvolvimento infantil p. 10



David Gallahue,
especialista em
desenvolvimento
motor infantil



Garry Kasparov,
Grande Mestre
e ex-campeão
mundial de Xadrez



Pais, filhos e sexualidade: o momento da conversa p. 3

Livros para quem ainda nem sabe ler p. 5

A lógica por trás das Olimpíadas Acadêmicas p. 7

Literatura em carne e osso p. 9

Diálogos reais na rede virtual

Após a renovação do nosso site e a instalação de uma TV interna, o Sabin está preparando mais um canal de comunicação e interação entre pais, alunos e professores: em breve, o Colégio vai entrar no Facebook.

Desde setembro, nossa equipe de Comunicação e Marketing vem avaliando a melhor forma de utilizarmos a rede social, inclusive realizando consultas com grupos de alunos para sabermos o que eles esperam da nova ferramenta. *O que nós esperamos* é ampliar o diálogo que tem sido marca do Colégio desde a sua fundação. Quem é ou já foi do Sabin sabe que o sentimento de pertencimento a uma grande família é uma das forças que nos fazem evoluir constantemente.

A exposição desse diálogo na internet – num espaço público, aberto – pode gerar certa apreensão. O que será dito no canal do Sabin no Facebook? Como mediar comentários e manifestações de usuários para prevenir riscos à imagem do Colégio? Naturalmente que levamos esse ponto em consideração, mas decidimos que os benefícios de nos integrarmos a uma rede da qual a imensa maioria de nossos alunos já participa compensam os riscos, por várias razões.

A primeira delas parte da constatação do óbvio: os alunos, repito, já participam desse meio. Conhecer o universo dos alunos é condição *sine qua non* para uma instituição educa-

cional. Mais do que isso, poder interferir nesse universo, aproveitando o espaço do Facebook para ampliar nossa atuação pedagógica, é uma oportunidade a ser aproveitada. Se no espaço físico da escola já nos ocupamos com a formação ética de nossos alunos, o Facebook nos oferece um espaço de convivência ampliada, na qual podemos avaliar se eles fazem jus aos valores que transmitimos.

É claro que, a princípio, esperamos uma boa atuação dos usuários do canal do Sabin no Facebook. Assim como um aluno vestido com o uniforme do Colégio representa a todos nós, mesmo fora da escola, um aluno do Sabin no Facebook também nos representa. Ocorre que, dentro ou fora da internet, convivência pode motivar conflitos – mas conflitos podem motivar aprendizados. O que é público? O que é privado? Como argumentar seus pontos de vista de forma respeitosa? Tudo isso pode gerar discussões ricas que ajudarão nossos alunos a adquirir maturidade.

Além do mais, o Facebook servirá como meio ágil de informação, integrando nossos demais canais. Tem notícia nova no site? Saiu nova edição do MAIS? Algum evento se aproximando? Estará tudo lá.

Portanto, esperamos contar com a participação de todos nesse novo canal, com a certeza de que, virtualmente ou não, é o diálogo que nos move. ●



Cristina Godoi
Mantenedora do Sabin
cristina@albertsabin.com.br

Sabin: 7º lugar no ENEM

Os resultados do último ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) demoraram para ser divulgados, mas valeu a espera. O Colégio Albert Sabin conquistou o 7º lugar entre as escolas de São Paulo, consolidando mais uma vez sua posição como uma das 10 melhores da capital. E os dados do ENEM

ainda trazem outro motivo para comemorarmos: a participação de nossos alunos. "Entre as 10 melhores, apenas o Sabin e o Objetivo tiveram mais de 90% de participação dos alunos no exame", diz a diretora pedagógica, Giselle Magnossão. "E quanto maior a participação, mais fiéis são os resultados."

EXPEDIENTE Colégio Albert Sabin Ltda. Av. Darcy Reis, 1.901 – Pq. dos Príncipes – São Paulo – SP – Tel.: (11) 3712-0713 – www.albertsabin.com.br – Sabin Mais Cultura e Informação é o órgão de comunicação do Colégio Albert Sabin **Mantenedores:** Gisvaldo de Godoi, Neusa A. Marques de Godoi, Cristina Godoi de Souza Lima **Direção:** Giselle Magnossão **Marketing:** Adriana Vaccari, Patrícia Oliveira **Colaboradores:** Denise Araújo, Florinda Manuchaguiam, Giselle Magnossão, José Roberto Ramalho Pinto, Laércio Carrer, Dionéia Menin **Diagramação e Arte:** Giovanna Angerami **Redação:** Alexandre Bandeira, Mariana Bóscolo **Jornalista Responsável:** Alexandre Bandeira MTB 49.431 **Produção Gráfica:** Ricardo Gomes Moisés **Fotografias:** Divulgação Sabin, Júlia Salles **Ilustrações:** Karla Linck **Revisão:** Denise Maiolino, Adriana Duarte **Impressão:** Flor de Acácia Esta é uma publicação da Baraúna Comunicação – Tiragem de 6.000 exemplares – Distribuição gratuita – Outubro de 2011

Conversar não faz mal

Educadora sexual diz que a sexualidade pode e deve ser discutida entre pais e filhos com naturalidade



A psicóloga, sexóloga e educadora sexual **Ana Canosa** gosta de falar sobre sexualidade. Como membro da diretoria da SBRASH (Sociedade Brasileira de Estudos em Sexualidade Humana), editora científica da *Revista Brasileira de Sexualidade Humana* e autora de diversos livros sobre o tema, ela acha que a naturalidade deveria reger as conversas entre pais e filhos sempre que o assunto vem à tona. "Embora nunca tenha sofrido repressão, também nunca fui orientada por meus pais, que por sua vez não o foram por seus pais e assim por diante", diz Ana. "Queria fazer diferente!" No início de setembro, ela veio ao Sabin para dar uma palestra aos pais interessados sobre sexualidade na adolescência. **O MAIS** aproveita para continuar a conversa sobre esse tema.

Quais os desafios de se falar sobre sexualidade com crianças?

Existe um mito na maior parte da sociedade de que, se você falar sobre sexualidade com a criança, acabará despertando nela o interesse por esse assunto. Mas tudo vai depender de como o assunto será abordado. Uma coisa é permitir que a criança veja cenas e material impróprios para sua idade e com isso induzir à erotização precoce. A maneira correta é que, de acordo com as dúvidas da criança e com as descobertas dela em relação ao próprio corpo, os pais expliquem e encarem o assunto como algo realmente natural e fisiológico.

Mas como saber até onde deve ir essa conversa?

O segredo é procurar responder verdadeiramente. Não aumentar nem inventar histórias, não dar voltas, responder exatamente ao que foi perguntado. Em relação ao descobrimento do corpo, não brigar nem reprimir, mas sim procurar entender o que está acontecendo e controlar para que não haja excessos. Isso pode ser evitado

por meio da socialização dessa criança, mostrando a ela o que é privado, o que é só dela, e o que pode ser compartilhado com os amiguinhos, primos, etc. E se, os pais ainda tiverem dúvidas sobre como agir, não tenham medo de procurar um profissional que os assessorar nessa parte da educação.

Qual a idade certa para se começar a falar de sexo?

Não há idade certa. A partir do momento em que a criança teve a curiosidade e perguntou, é possível responder de acordo com a capacidade de entendimento da criança. No caso de crianças mais tímidas, é importante os pais perceberem essa dificuldade e procurarem esclarecer dúvidas sobre as mudanças da puberdade antes que elas aconteçam, para deixá-las preparadas.

Como a internet interfere no processo de educação sexual da criança?

A internet favorece o acesso, mas não é a responsável por despertar o interesse a coisas relacionadas à sexualidade. Os adolescentes e as crianças estão amadurecendo muito mais

rapidamente de um modo geral, por conta dos estímulos e incentivos que temos hoje em dia. Mas devem ser tomadas algumas precauções para que a criança não seja exposta de modo impróprio aos perigos que essas tecnologias oferecem, levando-se em conta que ela não sabe o que é público ou privado e pode, assim, ultrapassar limites. Isso pode expor a criança a abusos ou ridicularizações, tudo por conta de uma foto, por exemplo.

Revistas voltadas para o público adulto são saudáveis?

Há coisas que fazem parte de nossa infância. Meninos, normalmente quando começam a se interessar pelas revistas do pai ou do irmão mais velho, nem sempre entendem completamente o que têm em mãos, mas isso será uma lembrança da infância deles. Não será um estímulo para desencadeamento precoce da sexualidade. A curiosidade é perfeitamente normal e natural. Os pais é que devem saber impor limites, mas sem deixar de responder à criança ou de explicar as razões desses limites. ●

O Pré I vai às compras

Sabonete, detergente, sabão em pó, óleo de cozinha... Nada podia faltar no **mercadinho do Pré I**. Para trabalhar conceitos básicos de Matemática e Leitura, cada aluno trouxe de casa rótulos de produtos domésticos, e, com esse material reunido, a turma montou na Cozinha Experimental do Sabin o seu próprio mercado.

Os rótulos foram distribuídos por mesas, cada mesa com uma mesma categoria de produtos: para o banho, para a cozinha, para a limpeza da casa, etc. Depois os alunos receberam listas de compras e fichinhas que simulavam dinheiro. "A atividade serviu para eles trabalharem classificação, contagem e até reconhecimento de algumas letras", diz a coordenadora pedagógica Dionéia Menin. "Foi muito divertido."



Viagem fantástica

O **Dia dos Pais** esse ano foi para o espaço. No sábado, 13 de agosto, pais e alunos da **Educação Infantil** e do **Ensino Fundamental I** enfrentaram juntos o desafio de montar réplicas de um foguete real da Nasa. Recebendo as orientações em vídeo do personagem Rick Radioativo, pais e filhos construíram seus foguetes e decolaram numa viagem que contou com apresentação musical das crianças e a participação especial do Carimbador Maluco – o aluno Eduardo Borelli, da 1ª série do Médio, encarnando, num videoclipe, o famoso personagem da música de Raul Seixas. O evento buscou conscientizar a todos sobre a responsabilidade de cada um pela nossa morada no espaço, o Planeta Terra.

Pais e filhos se divertiram na montagem de um foguete da Nasa, no Dia dos Pais



Dica cultural

Hoje tem marmelada? Tem, sim, senhor, mas é melhor correr, senão a Magali vai comer tudinho. É que a **Turma da Mônica invadiu o mundo do circo**. Até o final deste ano, todos os sábados, domingos e feriados, o Circo dos Sonhos, no bairro da Pompéia, recebe a Mônica e sua turma para espetáculos que misturam a magia do picadeiro com as divertidas aventuras dos personagens de Maurício de Sousa. Quem não quer ver o Cascão equilibrista ou o Cebolinha malabarista, entre muitas outras atrações? Vá lá! As informações estão todas aqui: www.monicanocirco.com.br.



Crescer não é fácil...

... mas pode ser bem divertido. Foi o que descobriram os alunos do **Pré II** durante as férias de julho, como explica Isabel Pereira Amâncio, assistente da coordenação da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I: "Nessa idade, as crianças resistem a assumir certas responsabilidades. Se eu aprendo a ler, meu pai não lê mais para mim. Se eu já sou grandinho, minha mãe não cuida mais tanto de mim". A solução encontrada, segundo Isabel, foi fazer os alunos cuidarem de uma versão recém-nascida de si mesmos. "Nossa equipe costurou bonecos do tamanho que cada criança tinha ao nascer, e os alunos vestiram esses bonecos com suas próprias roupas de bebê", diz a assistente. "Cada um levou seu boneco para casa, durante as férias, e em sala as professoras exploraram essa situação, deixando claro que eles já eram capazes de várias tarefas que não faziam quando menores". Difícil foi fazer os alunos desgrudarem de seus pequenos "eus".



Alunas do Pré II cuidam de si mesmas em versão boneca

passatempo

Você se lembra de como era quando ainda era um bebê? Então que tal desenhar seu rosto e suas roupas neste boneco aqui e mostrar para os colegas?



Para gostar de ler desde pequenininho

Projetos como o Piquenique Literário desenvolvem o gosto pelos livros para quem ainda nem sabe ler

Antes mesmo de aprender que **A** com **A** faz **TA** e **T** com **U** faz **TU**, uma criança já sabe ler. Mostre a figura de um tatu para um aluno do Maternal, e ele provavelmente reconhecerá o bicho. O caminho para a alfabetização só está começando – ainda estamos na fase da leitura de imagens –, mas o exemplo ilustra como as bases da leitura podem ser trabalhadas desde cedo.

"Na Educação Infantil, a criança já é estimulada por meio do que chamamos de *pseudoleitura*", diz a assessora de Língua Portuguesa Karla Ramos. Ela se refere a atividades em que a criança que ainda não sabe ler cria histórias a partir da sequência de imagens, deduzindo o enredo de acordo com o que lhe é mostrado. "Além

de trabalhar a criatividade e os princípios da narração, um dos benefícios dessa prática é que o aluno entra em contato com os sinais gráficos e começa a relacioná-los com os objetos que representam".

À medida que o aprendizado avança, as professoras passam a utilizar livros com enredos um pouco mais complexos, mas ainda de fácil assimilação. "Até o 1º ano, trabalhamos basicamente dois tipos de texto: contos repetitivos-acumulativos e parlendas", diz Dionéia Menin, coordenadora pedagógica da Educação Infantil e do Ensino Fundamental I. Os primeiros são contos que repetem uma situação ou estrutura sintática durante o enredo, com pequenas variações ou acumulação de novos elementos. Já as parlendas são versinhos folclóricos de rimas simples, como: "Um, dois, feijão com arroz / Três, quatro, feijão no prato". Em ambos os casos, a fácil memorização do texto faz a criança se familiarizar com a palavra escrita.

Quando terminam o 1º ano, os alunos já estão alfabetizados; o desafio de ler dá lugar ao de aprender as regras ortográficas e gramaticais, necessárias para o desenvolvimento da escrita.

Mas a leitura continua sendo estimulada por meio de diversos projetos que fortalecem o es-

paço dos livros no cotidiano dos alunos. É o caso do Piquenique Literário, projeto iniciado em 2010, com bons resultados. "É uma atividade livre para alunos até o 5º ano, que está tendo boa adesão", diz a bibliotecária do Sabin, Sônia Quirino. "Toda terça-feira, na hora do intervalo, a equipe da biblioteca coloca uma cesta de livros no pátio e convida os alunos para lerem os títulos que lhes interessam." Além do Piquenique, Sônia lembra que todas as turmas têm uma visita semanal à biblioteca como parte do programa regular de aulas. Sem falar nas bibliotecas e gibitecas de classe, pequenos acervos que existem nas salas de aula e que podem ser utilizados livremente pelos alunos.

Outra iniciativa que promete ser muito rica é a dos Livros ao Vento, em fase de planejamento. A ideia é criar uma biblioteca colaborativa. Numa estante ao lado da cantina, alunos e professores depositam e retiram obras – sem precisar devolver, inclusive –, além de deixarem pequenas resenhas críticas ou recomendações sobre livros que já leram. "Para o aluno, o exercício de escrever críticas sobre as obras é bem interessante; e ele ainda fica sabendo do que seu colega gostou", diz a assessora Karla. "O que é mais um incentivo para que a leitura se torne um hábito". ●





Repensando São Paulo

Com um pouco de imaginação, o ambiente árido da cidade pode recuperar o colorido da natureza. Essa foi a premissa do projeto de Geografia do **7º ano do Fundamental II** que propôs uma **reestruturação urbanística das paisagens de São Paulo**. A partir de fotos que mostravam os aspectos menos favoráveis da capital – o trânsito caótico, a falta de verde, esgotos a céu aberto –, os alunos desenharam os mesmos cenários com alterações pequenas, mas fundamentais: no lugar do "Minhocão", um rio; no lugar de diversos fios elétricos entrelaçados, copas de árvores frondosas. "O projeto foge da constatação óbvia de que a cidade precisa ser sustentável e torna o aluno corresponsável pela reestruturação urbanística de São Paulo", diz Laércio Carrer, coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II. "É um chamado à responsabilidade de todos nós".

Aceitando as diferenças

Um por um, os pássaros do bando pousam num fio de telefone. Eles têm suas desavenças, mas dá para notar que formam um grupo coeso. Ainda mais quando um pássaro maior, meio desengonçado, chega para se enturmar. Logo todos os pássaros se unem para tirar sarro do novato – mas é ele quem vai rir por último. Esse é o enredo do curta-metragem **Coisas de pássaro**, da Pixar, o mesmo estúdio que criou os filmes *Toy Story*, *Procurando Nemo*, entre outros sucessos. O curta foi usado pelo professor de Educação Física Paulo Rogério Vieira para motivar uma discussão sobre tolerância e respeito às diferenças com os alunos do **7º ano**, durante a Semana Sabin. Quem quiser assistir ou rever o curta, ele está disponível na internet: <http://migre.me/SJlwq>.



Avanço tecnológico

Desde a volta das férias, todas as salas do **Ensino Fundamental II** estão mais bem equipadas para oferecer aulas mais dinâmicas às turmas. Agora, assim como no Ensino Médio, as salas do 6º ao 9º ano dispõem de **recursos multimídia** – projetor, computador conectado à internet e áudio – que ajudam o professor a complementar o conteúdo dos livros e do quadro-negro.

O que o lixo tem a ensinar



Ecologia é o tema dos cartazes feitos de restos

Um painel feito de material reciclável, sobre o lixo. Esse é um projeto integrado dos alunos do **6º e 7º anos do Ensino Fundamental II** para as aulas de Ciências. Eles estudaram o impacto ambiental dos resíduos domésticos quando jogados indiscriminadamente na natureza. Assim, as turmas construíram painéis com papéis de bala, algodão, palitos de picolé, tampas de garrafa, entre outros materiais que deveriam ir para o lixo, para transmitir o que aprenderam em sala de aula.

passatempo

Você sabe quanto tempo estes materiais levam para se decompor na natureza? Descubra colocando cada tipo de lixo na lata correspondente.



até 1 milhão de anos até 100 anos 200 anos de 6 meses a 1 ano

Questão de lógica

Como as Olimpíadas Acadêmicas ajudam a desenvolver o raciocínio sem apelar para a *decoreba*

O problema parece fácil: imagine que você tenha quatro caixas de leite vazias. A prefeitura de sua cidade, para incentivar o consumo de leite, criou um programa que dá uma caixa cheia em troca de duas vazias. Quantas caixas de leite você pode beber sem gastar dinheiro?

Ora, se duas caixas vazias valem uma cheia, e você tem quatro vazias, você beberá duas caixas de leite. Certo? Não se você beber as duas caixas que ganhou da prefeitura e trocá-las por mais uma cheia.

O xis do problema, como se vê, não está no $2 + 2 = 4$. Para resolvê-lo, o aluno precisa de conhecimentos matemáticos, mas também de estar atento ao enunciado, interpretar o que foi proposto e usar o raciocínio lógico. E é de problemas dessa natureza que são feitas as Olimpíadas de Matemática, de Física, de Química, entre outras competições acadêmicas das quais vários alunos do Sabin participam.

"A natureza interpretativa das provas é um termômetro do nosso trabalho", diz Laércio Carrer, coordenador pedagógico do Ensino Fundamental II. "O foco é no raciocínio, a solução pode ser encontrada por vários meios, menos pela *decoreba*".

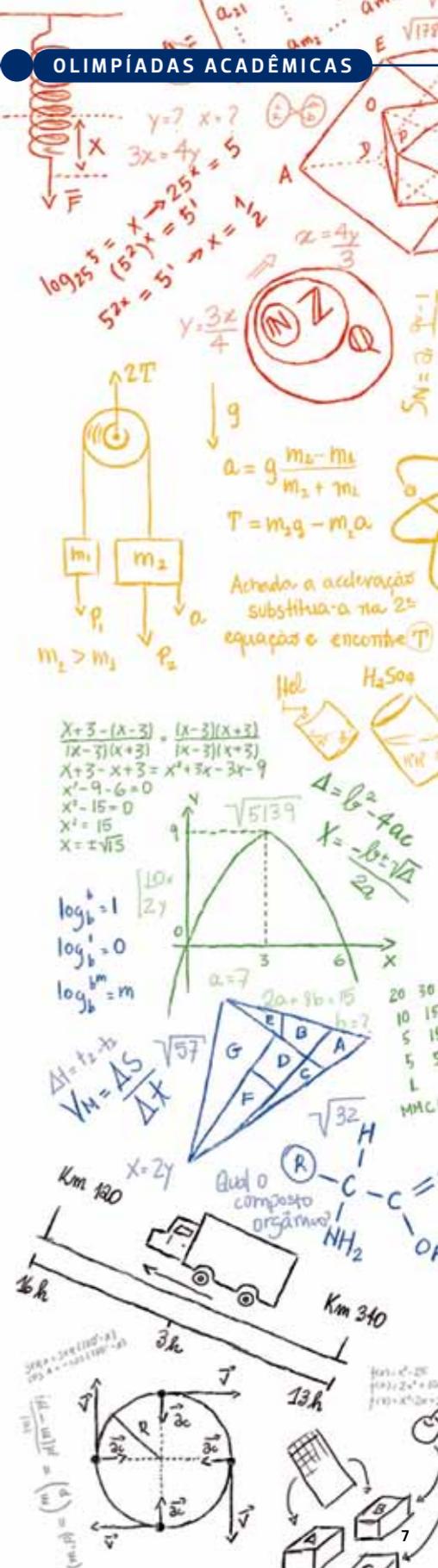
O professor de Matemática Dalson Graça diz que o tipo de problema proposto nas Olimpíadas aguça o interesse dos alunos, que precisam criar estratégias para resolvê-lo. "Existem várias maneiras de se chegar à resposta, e nos módulos preparatórios nós levamos os alunos a comparar as estratégias que cada um utilizou", diz Dalson. "Esse diálogo é riquíssimo para todos. Estimula o espírito cooperativo e avança o conhecimento do grupo".

Os Módulos Preparatórios para Olimpíadas não são a única ajuda que o Sabin dá aos alunos com interesse em

participar desses eventos. A diretora pedagógica, Giselle Magnossão, lembra que o Colégio oferece descontos nas mensalidades para os medalhistas das Olimpíadas de Matemática, Física e Química, das quais o Sabin participa há mais tempo, com melhores resultados. Mas, mesmo nas de Astronomia, Robótica, Oceanografia e História, com menos tradição no Colégio, a adesão dos alunos é crescente.

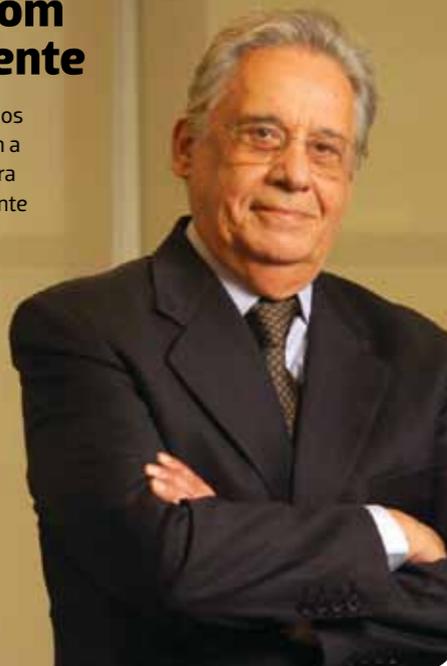
O motivo, segundo Laércio, é que o Sabin criou uma cultura de valorização do desempenho acadêmico. "Nosso aluno sente que é bom ser estudioso. Não vi, em outro estabelecimento de ensino, tamanho entusiasmo como no Sabin e tampouco observei tantos alunos fazendo provas fora do horário de aula, voluntariamente, pelo prazer do desafio", diz ele. Aqui, no entanto, Laércio pôde ver 238 alunos, do 6º ao 9º ano do Fundamental II, participarem da Olimpíada Brasileira de Robótica no último 12 de agosto. E no dia seguinte, um sábado, ele ainda presenciou as provas da primeira fase da Olimpíada Paulista de Matemática (80 alunos, do 6º ano à 3ª série do Ensino Médio) e da segunda fase da Olimpíada Brasileira de Física (56 alunos, do 8º ano à 3ª série). Já para a Olimpíada Nacional em História do Brasil, que vem ocorrendo desde agosto e cuja final acontece em 15 de outubro, o Sabin inscreveu 23 times de quatro alunos cada, da 2ª e 3ª séries do Médio.

Medalhistas ou não, todos têm a ganhar com a participação nas Olimpíadas. "Os benefícios se notam no desempenho escolar, na gestão do tempo, na autonomia nos estudos", diz Giselle. "E cada vez mais as universidades estão valorizando essas provas como critérios para seleção de bolsas em programas de pós-graduação". ●



Diálogos com um Presidente

Em 5 de outubro, os alunos da **3ª série do Médio** têm a oportunidade de ficar cara a cara com o ex-presidente da República **Fernando Henrique Cardoso**. Eles visitarão o Instituto FHC, no Centro de São Paulo, onde poderão conferir uma exposição lúdica e interativa sobre o Plano Real, além de participar de um bate-papo com o presidente que ajudou a derrubar a inflação galopante no País, quando a maioria deles ainda estava no berço.



Revivendo o 11 de Setembro

Os alunos da **2ª e 3ª séries do Ensino Médio** tinham por volta de 6 e 7 anos de idade quando dois aviões atingiram as torres gêmeas do World Trade Center, em Nova York. À época, eles mal puderam se dar conta do significado daquele 11 de Setembro, uma data que, hoje, já conseguem compreender com mais juízo crítico. A propósito dos 10 anos dos atentados, a professora de História Marta Rovai pôs o trágico evento em discussão, exibindo para os alunos o filme **11 de Setembro**

— onze curtas-metragens, de diretores do Irã, Índia, Grã-Bretanha, México, Israel, Egito, Burkina Faso, Bósnia, Japão, França e Estados Unidos. O filme ajuda a ver os atentados de diversos pontos de vista, inclusive problematizando o papel que os americanos vêm exercendo em várias nações do planeta. Como, por exemplo, quando a CIA ajudou a derrubar o presidente chileno Salvador Allende para instaurar a ditadura do General Pinochet, em 1973. Por coincidência, num 11 de setembro.

Por água abaixo

Para onde vai o esgoto de nossas casas sempre que damos descarga? Para o mesmo lugar que os alunos da **1ª série do Médio** vão no início de novembro: para a **Estação de Tratamento de Efluentes (ETE)** da Sabesp em Barueri. A saída pedagógica faz parte das aulas de Química e Biologia, para mostrar como o esgoto doméstico da cidade é despoluído para ser devolvido às águas do Rio Tietê. Mas quem pensa que essa mesma água retorna para nossas casas direto do rio está enganado. É o que aprenderão os alunos da **2ª série**, nos dias 10 e 11 de novembro, quando visitarem a **Estação de Tratamento de Água (ETA)** da Sabesp em Cotia. A ETA fica numa reserva de Mata Atlântica, de onde se retiram águas limpas — mas que ainda precisam ser tratadas quimicamente para servirem ao consumo humano.

Cine Fórum

A ditadura militar no Brasil, a vida de um detento da extinta Febem nos anos 1980, a realidade da periferia de São Paulo nos dias de hoje. Tudo isso está na programação de outubro do **Cine Fórum**, das aulas de História da **2ª e 3ª séries do Ensino Médio**. Confira.

2ª série	O contador de histórias	A biografia de um ex-detento da Febem que deixou uma vida de crime para se tornar um exemplo de inspiração.
	Linha de passe	Quatro irmãos da periferia de São Paulo buscam diferentes sentidos para suas vidas.
3ª série	Batismo de sangue	A ditadura militar no Brasil pelos olhos de frades dominicanos simpáticos à luta armada.
	Nós que aqui estamos por nós esperamos	Misto de documentário e ficção que serve como retrato dos principais eventos do século XX.

Das páginas para o palco

Clássicos da literatura ganham vida no Anfiteatro do Sabin e ajudam os alunos a se preparar para o vestibular

As aulas de Literatura do Ensino Médio, no último trimestre, estão repletas de mortes, intrigas, personagens realistas e outros sobrenaturais, a começar pelo Diabo em pessoa.

Que esses enredos tenham sido escritos há muito tempo, um deles há cinco séculos, com uma linguagem bem diferente da atual, não diminui sua importância ou o encanto que eles exercem sobre um público do século XXI. Mas este ano o Sabin está utilizando uma ferramenta para aproximar ainda mais os alunos do Ensino Médio de obras clássicas da Literatura em Língua Portuguesa: o Teatro.

No final de agosto, os alunos da 1ª e da 3ª série do Médio assistiram a uma encenação de *O Auto da Barca do Inferno*, peça do português Gil Vicente, escrita em 1516. A obra apresenta uma espécie de Juízo Final, no qual as almas de vários personagens já mortos têm suas vidas avaliadas por um anjo e pelo Diabo. *O Auto* pode ser lido como uma crítica à hipocrisia em qualquer época. Apesar de terem levado vidas aparentemente virtuosas, quase todos os personagens sobem à Barca do Inferno, pois têm seus vícios

expostos no julgamento, como a ganância e a vaidade. A reflexão sobre o bem ou o mal nos atos mais corriqueiros é uma das grandes qualidades da peça, que ganhou vida no palco do Anfiteatro Picasso pela companhia de teatro Letra Jovem.

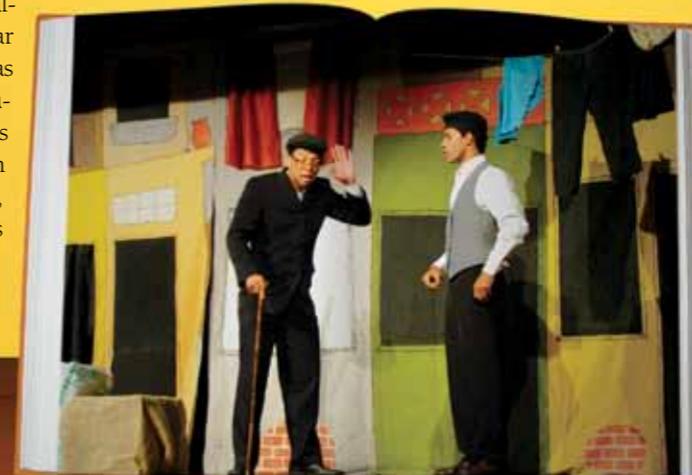
“*O Auto* é uma peça ainda hoje relevante, que inclusive inspirou obras clássicas da nossa literatura, como *O Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna”, diz a professora de Literatura Janaina Arruda. “Mas é um texto do século XVI, escrito para o teatro, um pouco difícil para as novas gerações, cuja formação é muito visual. Trazer a peça para nosso teatro enriquece bastante o entendimento pelos alunos”.

Mas há uma outra razão prática para que as turmas do Ensino Médio conheçam o texto de Gil Vicente: *O Auto* é uma das obras frequentemente utilizadas nos vestibulares mais importantes. “As obras do vestibular não são escolhidas por acaso: elas formam um bom retrato de como evoluiu a identidade brasileira”, diz Janaina.

Outro exemplo disso é *O Cortiço*, escrito em 1890 por Aluísio Azevedo. Uma das obras que introduziram o Naturalismo na Literatura Brasileira, o livro apresenta personagens e situações realistas, retratando, como até então não se fazia, o cotidiano brutal de um cortiço (uma favela, nos dias de hoje). É seguro dizer que a ficção brasileira, sem passar pela fase de *O Cortiço*, não teria produzido obras como *Cidade de Deus* ou *Tropa de Elite*.

Pois em 13 de setembro *O Cortiço* também foi levado ao Anfiteatro Picasso, para as turmas das 2ª e 3ª séries do Médio. Os alunos puderam assistir ao vivo às tramas do pão-duro João Romão, dono do cortiço, para enganar a escrava Bertoleza; ao drama do português Jerônimo, apaixonado pela mulata Rita Baiana, namorada de Firmo; e às tragédias que selariam a vida desses e de outros personagens. Dificilmente uma aula de Literatura conseguiria ser tão emocionante.

Em outubro, a 3ª série assistirá, ainda, a uma peça baseada na obra poética de Vinícius de Moraes, outro autor bastante requisitado nos vestibulares. E pelos amantes da Língua Portuguesa. ●



Cena da peça *O Cortiço*, apresentada no Anfiteatro do Sabin

O Sabin em movimento



David Gallahue, em palestra no Sabin: fundamentos para se entender o movimento

Num intervalo de 13 dias, dois convidados internacionais passaram pelo Sabin e deixaram sua marca na história do Colégio. Ambos, especialistas em movimentos: um no movimento do corpo, o outro no movimento das peças num tabuleiro de Xadrez. Em 23 de agosto, o americano **David Lee Gallahue**, um dos mais sérios estudiosos do desenvolvimento motor humano e referência na área da Educação Física de linha desenvolvimentista (a linha seguida pelo Sabin), deu uma palestra para 400 alunos, além de professores de Educação Física de escolas e universidades de São Paulo. Em 4 de setembro, foi a vez do russo **Garry Kasparov**, ex-campeão mundial de Xadrez, vir ao Colégio falar sobre os benefícios que o esporte traz à educação e desafiar vinte dos nossos melhores jogadores. O Sabin foi a única escola nos roteiros de viagem de Gallahue e Kasparov pelo Brasil. O que já seria um privilégio foi também a oportunidade de discutir temas que estão na base do Sabin+Esportes&Cultura. A seguir, o **MAIS** apresenta como a vida e o pensamento desses ilustres convidados contribuem para a formação de nossos alunos.

Respeitando as fases do desenvolvimento



Faltam menos de dez segundos para o final da partida de basquete. O fundo-bola é cobrado rapidamente, mas a defesa está bem postada. Ali não haverá rebote. É a vitória ou a derrota. A bola chega até o ala, que dribla para o meio do garrafão e, de repente, dá um passo para trás. Ele converte o arremesso de três pontos no instante em que estoura o cronômetro. O que para a maioria do público seria um evento-relâmpago emocionante, para os olhos de David Lee Gallahue seria também uma sequência de pequenos movimentos – arremessar, agarrar, girar o corpo em torno do próprio eixo, recuar, flexionar as pernas, saltar – orquestrados por atletas com total domínio sobre seus corpos. Eles não nasceram sabendo executar essas tarefas. Cada um dos atletas em quadra foi aprimorando suas capacidades motoras ao longo da

O americano David Gallahue e o russo Garry Kasparov visitam o Colégio para prestigiar o Programa Sabin+Esportes & Cultura

vida, das mais básicas, como simplesmente manter-se em pé, até as mais especializadas, como acertar uma bola de basquete numa cesta a seis metros de distância. E Gallahue sabe que respeitar cada fase do desenvolvimento motor faz toda a diferença na formação de um indivíduo, dentro ou fora da quadra.

Segundo Gallahue, o desenvolvimento motor de uma pessoa pode ser dividido em fases que correspondem, grosso modo, a faixas etárias. O processo se inicia com os movimentos reflexos que todo bebê traz programados por seu código genético: reações ao toque, à luz, aos sons. Mais ou menos a partir do primeiro ano de vida, o bebê se torna capaz de movimentos rudimentares: ele já controla a cabeça, já consegue agarrar e soltar objetos, rola, engatinha e, até o final dessa fase, dá os primeiros passos. Desse ponto até os 7 anos, a criança passa aos movimentos fundamentais: andar, correr, saltar, flexionar membros, chutar, lançar objetos. A próxima fase, que vai aproximadamente até os 12 anos, é a de combinar esses movimentos. A criança já é capaz, por exemplo, de se equilibrar e pular de um pé só. Só então, segundo Gallahue, ela está preparada para realizar movimentos especializados, como aqueles necessários para o domínio de esportes mais complexos.

O processo inteiro é contínuo, diz o estudioso, e pode ser mais ou menos acelerado em cada indivíduo. Mas os

fundamentos desse modelo trazem grandes implicações para a Educação Física desenvolvimentista.

“Para nós, o desenvolvimento motor tem de ser de dentro para fora”, diz o professor Falcon, coordenador do Programa Sabin+Esportes&Cultura. “Em vez de especializarmos nossos alunos muito cedo em determinados esportes, trabalhamos os fundamentos do movimento: chutar, lançar, pular corda...” É por isso, explica o professor, que o Sabin só oferece aulas de basquete, futsal, handebol e vôlei para alunos a partir do 6º ano do Ensino Fundamental II (11 e 12 anos de idade). “Nosso compromisso não é formar grandes atletas”, Falcon costuma repetir, “mas sim formar grandes pessoas. Íntegras. Saudáveis”.

Um mestre da disciplina e do estudo



Numa manhã de domingo, no Ginásio do Prédio Picasso, um homem enfrenta simultaneamente vinte dos melhores jogadores de Xadrez do Sabin. Após uma hora e meia de lances brilhantes, ele vence todas as partidas. Mas nenhum adversário, nem ninguém do Colégio tem motivos para se envergonhar. O homem, afinal, é o russo Garry Kasparov.



O mestre Kasparov em ação: desafiando os 20 melhores

Para aqueles que tiveram a oportunidade de participar do desafio a um dos maiores enxadristas de todos os tempos, o evento ficará marcado na memória. “Estar diante de ídolos como Kasparov foi um enorme estímulo para nossos alunos”, diz Giselle Magnossão, diretora pedagógica do Sabin. “Ele é um exemplo de que vale a pena correr atrás da excelência”.

Kasparov começou a jogar Xadrez aos seis anos de idade (assim como os alunos do Sabin) em sua terra natal, o Azerbaijão, quando este ainda fazia parte da extinta União Soviética. Aprendeu sozinho. Mas o talento nato para memorizar e analisar lances é apenas parte do motivo de ter se tornado, em 1985, o mais jovem campeão mundial de Xadrez, título mantido por mais de 15 anos. O que Kasparov tinha, além do talento, era disciplina e compromisso com o estudo.

“Eu acredito que o processo de educar a si mesmo não deve parar nunca”, disse o mestre durante sua visita ao Colégio. “Se você me perguntasse qual é o

meu hobby, [eu diria que é] o consumo de informação”. Felizmente para Kasparov, Xadrez e estudos são dois hábitos que se reforçam mutuamente – e é por isso que ele vem há anos promovendo o esporte na matriz curricular de escolas pelo mundo inteiro, por meio da Fundação Kasparov. “Um pouco de conhecimento de Xadrez é extremamente útil, não importando qual a profissão que um garoto ou garota escolherão no futuro. O Xadrez ajuda a otimizar o mecanismo de tomada de decisão na mente de uma pessoa, disciplina o modo de pensar, ajuda com a lógica e melhora a atitude”.

Para o professor de Xadrez Antonio Carlos de Resende, as palavras de Kasparov refletem o trabalho que o Colégio vem fazendo desde o início. Resende, que já utilizava as jogadas clássicas do mestre russo como tema de suas aulas, pretende agora analisar as partidas do desafio simultâneo no Sabin com seus alunos – que, segundo o próprio Kasparov, formaram um dos grupos de estudantes mais difíceis que ele já teve de enfrentar. ●



Mariana Campos e Nicole Franceschini
são alunas do 9º ano do Fundamental II
e autoras desta matéria; ao lado, as meninas com
as professoras de Artes Maria Cristina e Roberta



Arte na Oficina

Alunas da Oficina de Artes do Sabin escrevem sobre exercer a criatividade e o potencial artístico de cada um

Neste final de ano, muitos alunos assistirão às peças do Festival de Teatro do Sabin, mas poucos saberão quem foram os responsáveis pelos cenários utilizados nelas. Quase nenhum dos espectadores tem a noção de quanto alguns estudantes do Colégio pensam, trabalham, recortam, desenharam, pintam e dobram tecidos para que o fundo do palco conte com muitos detalhes bonitos e bem feitos que ajudem a contar o enredo dos espetáculos. Esses alunos que montam os cenários fazem parte da Oficina de Artes do Sabin e são tão responsáveis por dar vida às peças quanto os próprios atores.

Perguntamos aos integrantes dessa atividade cultural a razão pela qual eles a fazem. A resposta unânime foi relacionada à diversão das aulas. Afinal, as tarefas da Oficina de Artes são diferentes de todas as atividades feitas durante o período normal de aulas, e ali eles podem se expressar e usar sua criatividade para elaborar artes individuais e coletivas.

Uma das modalidades do Programa Sabin+Esportes&Cultura, a Oficina de Artes é oferecida apenas para os alunos do 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II. Questionados se pretendem repetir a experiência no ano que vem, 90% dos alunos do 8º ano que foram entrevistados disseram que sim. Uma prova de que a atividade está agradando.

Nas aulas, aprendemos novas técnicas artísticas e treinamos as que já sabemos, aperfeiçoando conhecimentos que podem ser muito úteis para áreas profissionais em que a arte é usada. Arquitetura, design, artes plásticas, propaganda e marketing são apenas alguns exemplos das muitas profissões em que há a interferência da arte e da criatividade.

A Oficina de Artes é dividida em dois semestres. No primeiro, realizamos atividades individuais, como pintura em tela, máscara de gesso, cerâmica e xilogravura. Já no segundo semestre as atividades são relacionadas à produção dos cenários para as peças teatrais, em que trabalhamos coletivamente.

Nosso primeiro projeto coletivo foi elaborar o cenário da peça “Uirapuru, o curumim que virou ave”, que foi apresentada em 20 de setembro. Para essa peça, recortamos o material TNT (sigla de “Tecido Não Tecido”, designa um produto feito à base de fibras naturais ou sintéticas que são aglomeradas, e não entrelaçadas) para colocar no fundo do palco e criar a impressão de mata fechada. Além disso, desenhos feitos por alunos da Oficina servirão de modelo para vestir de animais alguns atores.

Além de ser um lugar onde você pode se expressar livremente, a Oficina de Artes é o momento para relaxar e utilizar sua criatividade e suas habilidades num trabalho com a sua cara. Então, por que você não se junta a nós? ●